

Patologia das Doenças 4

Yvanna Carla de Souza Salgado
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Yvanna Carla de Souza Salgado

(Organizadora)

Patologia das Doenças

4

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P312 Patologia das doenças 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Yvanna Carla de Souza Salgado. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Patologia das Doenças; v. 4)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-87-1

DOI 10.22533/at.ed.871181411

1. Doenças transmissíveis. 2. Patologia. I. Salgado, Yvanna Carla de Souza. II. Série.

CDD 616.9

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Aspectos das doenças Infecciosas Bacterianas, Fúngicas e Virais” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora. Em seu volume IV, apresenta em seus capítulos, aspectos gerais e epidemiológicos das doenças infecciosas bacterianas, fúngicas e virais analisados em algumas regiões brasileiras.

As doenças infecciosas são causadas por agentes patogênicos como: bactérias, fungos, vírus, protozoários e parasitas. A maioria desses agentes infecciosos é transmitida através do contato fecal-oral, resultante da contaminação de água e alimentos, direta ou indiretamente.

Adicionalmente, temos um aumento da disseminação das infecções relacionadas à Assistência à Saúde, ou Infecções Hospitalares, que incluem infecções relacionadas a procedimentos ambulatoriais ou hospitalares, cuidados em domicílio e até as adquiridas por profissionais da saúde durante o desempenho de suas funções. O crescimento destas infecções se caracteriza como um grave problema de saúde pública, em especial pelo aumento da resistência microbiológica aos tratamentos disponíveis. Neste sentido, é extremamente importante que os profissionais que atuam na área da saúde conheçam os agentes infecciosos e as respectivas características patogênicas que acometem os seres humanos.

A importância em estudar e desenvolver aspectos relacionados à microbiologia objetiva principalmente a prevenção de certas doenças, impedindo a disseminação das infecções. Neste volume IV, dedicado às doenças infecciosas, reunimos um compilado de artigos com estudos dirigidos sobre doenças infecciosas bacterianas, fúngicas e virais em regiões brasileiras, com o intuito de ampliar o conhecimento dos dados epidemiológicos, contribuindo assim para a formulação de políticas públicas de apoio dirigidas às diferentes características regionais deste país continental.

A obra é fruto do esforço e dedicação das pesquisas dos autores e colaboradores de cada capítulo e da Atena Editora em elaborar este projeto de disseminação de conhecimento e da pesquisa brasileira. Espero que este livro possa permitir uma visão geral e regional das doenças tropicais e inspirar os leitores a contribuírem com pesquisas para a promoção de saúde e bem estar social.

Yvanna Carla de Souza Salgado

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| SEPSE: DIFICULDADES NA APLICAÇÃO DE PROTOCOLO EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA | |
| <i>Ana Luiza Gomes Corteletti</i> | |
| <i>Dyanne Moysés Dalcomune</i> | |
| <i>Gabriela Caou Rodrigues</i> | |
| <i>Larissa Guimarães Sardenberg de Almeida</i> | |
| <i>Rafaela Reis Ferraço</i> | |
| CAPÍTULO 2 | 6 |
| BACTÉRIAS PREDOMINANTES NAS INFECÇÕES RELACIONADAS À ASSISTÊNCIA À SAÚDE EM UMA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NO CONE SUL DE RONDÔNIA | |
| <i>Aline Brito Lira Cavalcante</i> | |
| <i>Marciano Monteiro Vieira</i> | |
| <i>Paula Cristina de Medeiros</i> | |
| <i>Rasna Piassi Siqueira</i> | |
| <i>Wellen Kellen Rodrigues Soares</i> | |
| <i>Wiliam Helber Mota</i> | |
| <i>Marco Rogério Silva</i> | |
| <i>Ângela Antunes de Moraes Lima</i> | |
| <i>Teresinha Cícera Teodoro Viana</i> | |
| <i>Juliana Perin Vendrusculo</i> | |
| CAPÍTULO 3 | 18 |
| AVALIAÇÃO MICROBIOLÓGICA DE MÃOS DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE DE UM CENTRO DE TERAPIA INTENSIVA (CTI) DE UM HOSPITAL PÚBLICO EM BELÉM – PARÁ. | |
| <i>Ana Judith Pires Garcia Quaresma</i> | |
| <i>Ademir Ferreira da Silva Júnior</i> | |
| <i>Karla Valéria Batista Lima</i> | |
| CAPÍTULO 4 | 28 |
| CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS CONFIRMADOS DE MENINGITE NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO – 2007 A 2016 | |
| <i>Júlia Aguiar Costa</i> | |
| <i>Lorena Carvalho de Freitas</i> | |
| <i>Gilton Luiz Almada</i> | |
| CAPÍTULO 5 | 34 |
| OCORRÊNCIA DE ACINETOBACTER BAUMANNII ISOLADOS DE PACIENTES INTERNADOS EM UM HOSPITAL DE ENSINO NO INTERIOR DO CEARÁ | |
| <i>Ana Jessyca Alves Moraes</i> | |
| <i>Izabelly Linhares Ponte Brito</i> | |
| <i>Xhaulla Maria Quariguasi Cunha Fonseca</i> | |
| <i>Jisbaque Melo Braga</i> | |
| <i>Vicente de Paulo Teixeira Pinto</i> | |
| <i>Francisco Cesar Barroso Barbosa</i> | |
| CAPÍTULO 6 | 45 |
| DRUGS USED TO STRAINS OF TREATMENT METHICILLIN RESISTANT STAPHYLOCOCCUS AUREUS | |
| <i>Onásss Boeri de Castro</i> | |
| <i>Raida Alves Lima</i> | |
| <i>Letícia Helena de Carvalho</i> | |
| <i>Yasmin Dene</i> | |
| <i>Myrna Gelle Oliveira</i> | |
| <i>Gracianny Gomes Martins</i> | |

CAPÍTULO 7 53

INFECÇÕES POR PSEUDOMONAS AERUGINOSA: ASPECTOS CLÍNICOS, MICROBIOLÓGICOS E MOLECULARES

Yan Corrêa Rodrigues
Edilene do Socorro Nascimento Falcão Sarges
Marília Lima da Conceição
Eliseth Costa Oliveira de Matos
Naiara de Jesus Pantoja Gomes
Ana Judith Garcia Quaresma
Karla Valéria Batista Lima

CAPÍTULO 8 70

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE COM SÍNDROME DE FOURNIER

Tiago Ferreira Dantas
Chrisllaine Rodrigues Maciel
Mayara Priscilla Santos Silva
Suzanne Barros de Albuquerque
Ótamis Ferreira Alves
Tamiris Machado Laurentino

CAPÍTULO 9 79

ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA COQUELUCHE NO ESTADO DE ALAGOAS

Elinadja Targino do Nascimento
Tatiane da Silva Santos
Raniella Ramos de Lima

CAPÍTULO 10 87

APLICAÇÃO DE MÉTODOS FENOTÍPICOS E MOLECULARES NO ESTUDO DA FEBRE TIFOIDE NO ESTADO DO PARÁ, BRASIL.

Daniela Cristiane da Cruz Rocha
Yago Kazuhiro Kanai
Stephanie Jamilly Padinha Cardoso
Haroldo José de Matos
Anderson Nonato do Rosario Marinho

CAPÍTULO 11 99

ASPECTOS BIOLÓGICOS, EPIDEMIOLÓGICOS, HISTOPATOLÓGICOS, DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DAS MICOBACTÉRIAS NÃO TUBERCULOSAS

Carina Scanoni Maia
Fernanda das Chagas Angelo Mendes Tenorio
Juliana Pinto de Medeiros
Luciana Maria Silva de Seixas Maia
Karina Maria Campello
Gyl Everson de Souza Maciel

CAPÍTULO 12 109

IDENTIFICAÇÃO E PREVALÊNCIA DE MICOBACTÉRIAS NÃO TUBERCULOSAS EM UM HOSPITAL TERCIÁRIO NO SUL DO BRASIL

Gynara Rezende Gonzalez do Valle Barbosa
Jéssica D'Agostini Tebaldi
Teresinha Joana Dossin

CAPÍTULO 13 120

A TUBERCULOSE NA REGIÃO NORTE DA BAHIA: UMA SÉRIE HISTÓRICA DE 2010 A 2017.

Walter Ataalpa de Freitas Neto
Olivia Ferreira Pereira de Paula
Camila Nascimento Santana

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 14 | 130 |
| ÓBITOS POR TUBERCULOSE: UM DESAFIO PARA SAÚDE PÚBLICA NO ESTADO DE MATO GROSSO | |
| <i>Josilene Dália Alves</i> | |
| <i>Camila da Silva Souza</i> | |
| <i>Amanda Maria Urei Rodrigues</i> | |
| <i>Ricardo Alexandre Arcêncio</i> | |
| CAPÍTULO 15 | 138 |
| PERFIL DAS INTERNAÇÕES POR TUBERCULOSE NA CIDADE DE SÃO LUÍS-MA | |
| <i>Alexandre Lima Ferreira Neto</i> | |
| <i>Dorlene Maria Cardoso de Aquino</i> | |
| <i>Janielle Ferreira de Brito Lima</i> | |
| <i>Maria de Fátima Lires Paiva</i> | |
| <i>Regina Maria Abreu Mota</i> | |
| <i>Thaise Almeida Guimarães</i> | |
| <i>Andrea de Jesus Sá Costa Rocha</i> | |
| CAPÍTULO 16 | 149 |
| INCIDÊNCIA E MORTALIDADE POR TUBERCULOSE EM INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS DE MATO GROSSO, BRASIL, 2001 -2015 | |
| <i>Tony José de Souza</i> | |
| <i>Marina Atanaka</i> | |
| <i>Mariano Martinez Espinosa</i> | |
| CAPÍTULO 17 | 161 |
| TUBERCULOSE EM UNIDADE PRISIONAL: DOENÇA TRANSMISSÍVEL INVISÍVEL | |
| <i>Alecsandra B. M. Oliveira</i> | |
| <i>Ana Cláudia M. Santana</i> | |
| <i>Francisco Célio Adriano</i> | |
| <i>Eronyce Rayka de Oliveira Carvalho</i> | |
| <i>Maria Soraya P. Franco Adriano</i> | |
| CAPÍTULO 18 | 170 |
| TUBERCULOSE ANAL: DESAFIO DIAGNÓSTICO EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE ALAGOAS - UM RELATO DE CASO | |
| <i>Mariana Lages Sarmiento Barbosa</i> | |
| <i>Juliana Arôxa Pereira Barbosa</i> | |
| <i>Rawanderson dos Santos</i> | |
| <i>Vanderson Reis de Sousa Brito</i> | |
| <i>Fernanda Ferraz e Silva</i> | |
| <i>Mariana Holanda Gameleira</i> | |
| <i>Valná Brandão de Wanderley Uchôa</i> | |
| CAPÍTULO 19 | 177 |
| RELATO DE CASO DE DISSEMINAÇÃO HEMATOGENICA DA TUBERCULOSE SEMELHANTE A CASOS DA ERA PRÉ-ANTIBIÓTICA | |
| <i>João G. A. B. Guimarães</i> | |
| <i>Amanda R. da Silva</i> | |
| <i>Luanna M. S. Bezerra</i> | |
| <i>Lealdo R. de A. Filho</i> | |
| <i>Helio V. dos S. Júnior</i> | |
| <i>João A. R. Neto</i> | |
| <i>Juliana Arôxa</i> | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 20 | 179 |
| A RELEVÂNCIA DA CULTURA NO DIAGNÓSTICO DA TUBERCULOSE NA ERA DO XPERT MTB/RIF® | |
| <i>Thaynan Sama Alves de Oliveira</i> | |
| <i>Ana Paula Mariano Ramos</i> | |
| <i>Haiana Charifker Schindler</i> | |
| <i>Ana Albertina Araújo</i> | |
| <i>Michelle Christiane da Silva Rabello</i> | |
| CAPÍTULO 21 | 187 |
| MICROBIOTA FÚNGICA EM AMBIENTE BIBLIOTECÁRIO HOSPITALAR NA CIDADE DE GOIÂNIA/GO-BRASIL E IMPLICAÇÃO NA SAÚDE DOS PACIENTES E DOS TRABALHADORES DE SAÚDE | |
| <i>Evandro Leão Ribeiro</i> | |
| <i>Clever Gomes Cardoso</i> | |
| <i>Maria de Lourdes Breseghelo</i> | |
| <i>Flávia Liara Massaroto Cessel Chagas</i> | |
| CAPÍTULO 22 | 196 |
| ÁGUA POTÁVEL COMO VEÍCULO DISSEMINADOR DE FUNGOS: ANÁLISE HÍDRICA DOS PONTOS CARDEAIS DA CIDADE DE GOIÂNIA-GO/BRASIL | |
| <i>Clever Gomes Cardoso</i> | |
| <i>Evandro Leão Ribeiro</i> | |
| <i>Maria de Lourdes Breseghelo</i> | |
| <i>Flávia Liara Massaroto Cessel Chagas</i> | |
| CAPÍTULO 23 | 202 |
| TRATAMENTO DA PARACOCCIDIOIDOMICOSE COM ITRACONAZOL EM COMPARAÇÃO COM COTRIMOXAZOL | |
| <i>Suzane Eberhart Ribeiro da Silva</i> | |
| <i>Anamaria Mello Miranda Paniago</i> | |
| CAPÍTULO 24 | 213 |
| RELAÇÃO DA INFECÇÃO POR ROTAVÍRUS A FATORES HIGIÊNICO SANITÁRIO, EM CRIANÇAS DE ATÉ CINCO ANOS COM GASTROENTERITE INTERNADAS NO HOSPITAL INFANTIL COSME E DAMIÃO EM PORTO VELHO - RO. | |
| <i>Nayana Hayss Araújo da Silva</i> | |
| <i>Dara Nyanne Campos Martins</i> | |
| <i>Tamaira Barbosa dos Santos Silva</i> | |
| <i>Núcia Cristiane da Silva Lima</i> | |
| <i>Flávia Serrano Batista</i> | |
| <i>Najla Benevides Matos</i> | |
| <i>Leidiane Amorim Soares Galvão</i> | |
| CAPÍTULO 25 | 215 |
| PROMOÇÃO DE HÁBITOS DE HIGIENE PARA PREVENÇÃO DE DOENÇAS EM CRECHES | |
| <i>Aline Dias Horas</i> | |
| <i>Sheila Elke Araújo Nunes</i> | |
| <i>Márcia Guelma Santos Belfort</i> | |
| CAPÍTULO 26 | 225 |
| O ENSINO DE MICROBIOLOGIA: DESAFIOS NOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS DO INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS (IFG) | |
| <i>Tamiris Augusto Marinho</i> | |
| <i>Patrícia Silva Nunes</i> | |
| SOBRE A ORGANIZADORA | 238 |

TUBERCULOSE EM UNIDADE PRISIONAL: DOENÇA TRANSMISSÍVEL INVISÍVEL

Alecsandra B. M. Oliveira

Complexo Hospitalar Clementino Fraga;

Ana Cláudia M. Santana

Universidade Federal de Campina

Francisco Célio Adriano

Universidade Potiguar

Eronyce Rayka de Oliveira Carvalho

Psicóloga da Unidade Prisional

Maria Soraya P. Franco Adriano

Docente da Escola de Saúde da Universidade Federal da Paraíba msorayapf@hotmail.com

RESUMO: A tuberculose nas prisões constitui um importante problema de saúde pública neste ambiente. O sistema prisional representa um ambiente hiperendêmico, relacionado aos fatores de risco que eleva a incidência e prevalência entre as pessoas confinadas quando comparada a população em geral. O objetivo desse trabalho foi evidenciar casos de tuberculose em detentos da penitenciária regional do sertão da Paraíba. Trata-se de um estudo descritivo, com uma abordagem quantitativa sendo submetido ao Comitê de Ética, parecer de nº 748.797, CAAE nº 33116914.2.0000.5180. Os resultados foram analisados e apresentados em tabelas e gráficos para análise estatística e em seguida as informações foram confrontadas com a literatura pertinente. A amostra foi composta

por 148 detentos do sexo masculino, quanto a população em questão é predominantemente jovem, sendo que 44 (30%) tinham a faixa etária entre 30 à 34 anos, a variável raça/cor, houve predomínio de 94 (64%) da cor parda, 86% referiram não ter tido nenhum caso na família de tuberculose, apenas 8 (5%) dos detentos relataram já ter tratado tuberculose anteriormente, 24 (16%) afirmaram que atualmente apresentam febre vespertina e 31 (21%) relataram ter perda de peso, dos 68 (46%) detentos que relataram esta com tosse, 29 (43%) apresentavam esse sinal por mais de três semanas, 24 (35%) informaram que essa tosse existia há duas semanas e 15 (22%) relataram que a tosse existia há uma semana. Em relação à expectoração, 47 (69%) detentos confirmaram que essa tosse era com expectoração. Esta pesquisa contribui de forma significativa para a viabilização de planejamento e a implementação de ações estratégicas para o controle da tuberculose nos presídios. A busca ativa neste ambiente favorece a detecção precoce dos casos e conseqüentemente a quebra da cadeia de transmissão nessa população promovendo o tratamento adequado.

PALAVRAS CHAVE: tuberculose, penitenciária, detentos.

1 | INTRODUÇÃO

A tuberculose (TB) é uma doença infectocontagiosa que apesar de ser uma enfermidade evitável e curável continua sendo um grave problema de saúde pública global, principalmente em grupos confinados. O sistema prisional representa um ambiente hiperendêmico, relacionado aos fatores de risco que eleva a incidência e prevalência entre as pessoas privadas de liberdade do que na população em geral. Assim, essa morbidade merece uma total atenção por parte dos governantes, dos profissionais de saúde e bem como da sociedade em geral, para inverter esse quadro de agravo de saúde pública (SANTANA, ACM et al, 2015).

Segundo Larouze e Sánchez (2008) e Stuckler (2008), a tuberculose nas prisões dos países de alta e média endemicidade compõem um importante problema de saúde, sendo também a frequência de formas resistentes e multirresistentes bastante elevada nesse ambiente, fato esse relacionado ao tratamento irregular e a detecção, dos casos de resistência, tardia.

Foram notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) 5% dos casos de TB apenas no sistema prisional, em um país que apresenta 0,2%, da população em geral, de uma população prisional. No estado do Rio de Janeiro foi avaliado, através de inquérito radiológico, a prevalência de TB na população confinada, obtendo valores entre 4,6% e 8,6% nas pessoas já aprisionadas e nas ingressante no sistema penitenciário 2,7% (BRASIL, 2011),

Dessa forma, no que diz respeito a essa problemática, percebeu-se a necessidade de estudos mais abrangentes na Paraíba, tendo em vista a escassez de literaturas que abordem a real situação desta morbidade no Estado. Neste contexto, emergem as seguintes indagações: Qual a evidência da população carcerarea quanto aos casos de tuberculose no sistema prisional?

O presente estudo tenta levantar a possibilidade de casos de tuberculose, determinando assim a partir das informações possíveis incidências em indivíduos privados de liberdade. Portanto, a relevância do estudo se dá pela importância em se identificar essa problemática no Estado da Paraíba frente a essa morbidade.

Assim, o objetivo desse trabalho visa evidenciar casos de tuberculose em detentos da penitenciária regional do sertão da Paraíba, a partir do levantamento dos dados nesta população carcerarea. Contribuindo dessa forma para promoção de ações estratégicas, como a busca ativa, para detecção precoce dos casos de TB e eventual controle da doença nessa população, através da interrupção da cadeia de transmissão, por meio do tratamento adequado e sobretudo o diagnóstico precoce.

2 | MATERIAIS E MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, com uma abordagem quantitativa. O local de

realização foi a Penitenciária Padrão Regional de Cajazeiras, localizada no município de Cajazeiras - Paraíba. A amostra foi composta de 148 detentos. O Critério de inclusão foi que os detentos podem apresentar a capacidade de compreensão e comunicação verbal; concordar em participar do estudo de forma voluntária e estar recluso na unidade prisional no período da coleta. A coleta de dados se deu através da aplicação de um questionário estruturado como roteiro de entrevista e os dados foram processados em uma planilha eletrônica no software Excel® e SPSS (versão 23). O estudo epidemiológico da distribuição foi estabelecido utilizando-se estatística descritiva, calculando-se as medidas de posição e variabilidade, assim como cálculos de frequência absoluta e relativa percentuais. Os parâmetros utilizados para a distribuição dos intervalos das variáveis abordadas foram baseados de acordo com os parâmetros estabelecidos pelo Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN). O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa sendo aprovado com o parecer de nº 748.797, CAAE nº 33116914.2.0000.5180.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi composta por 148 detentos do sexo masculino, a população em questão é predominantemente jovem, com uma faixa etária ente 30 a 34 anos com 30% (44), igualmente foi encontrado com 25% (37) cada as faixas etárias entre 25 a 29 e 35 a 45 anos, 15% (23) tinham entre 18 a 24 anos e os 5% (7) restante se encontram em uma faixa etária de 45 a 60 anos. Tendo o sujeito mais novo 18 anos e o mais velho 58.

Essa predominância corrobora com a pesquisa realizada por Nogueira e Abrahão (2009), no sistema prisional de São Paulo, onde a faixa etária de 20 a 49 anos apresentava maior prevalência.

No entanto, esses dados diferem um pouco do perfil epidemiológico dos detentos do estado da Paraíba, que segundo o DEPEN, em 2012 a população carcerária masculina apresentava a idade predominante na faixa etária de 18 a 24 anos com 2.228 reeducandos, seguida da faixa etária de 25 a 29 anos com 1.891 e, de 30 a 34 anos com 1.350 (InfoPen, 2012).

Quanto em relação à naturalidade o gráfico 1 mostra a distribuição por estado do país, dos apenados conforme o lugar de origem.

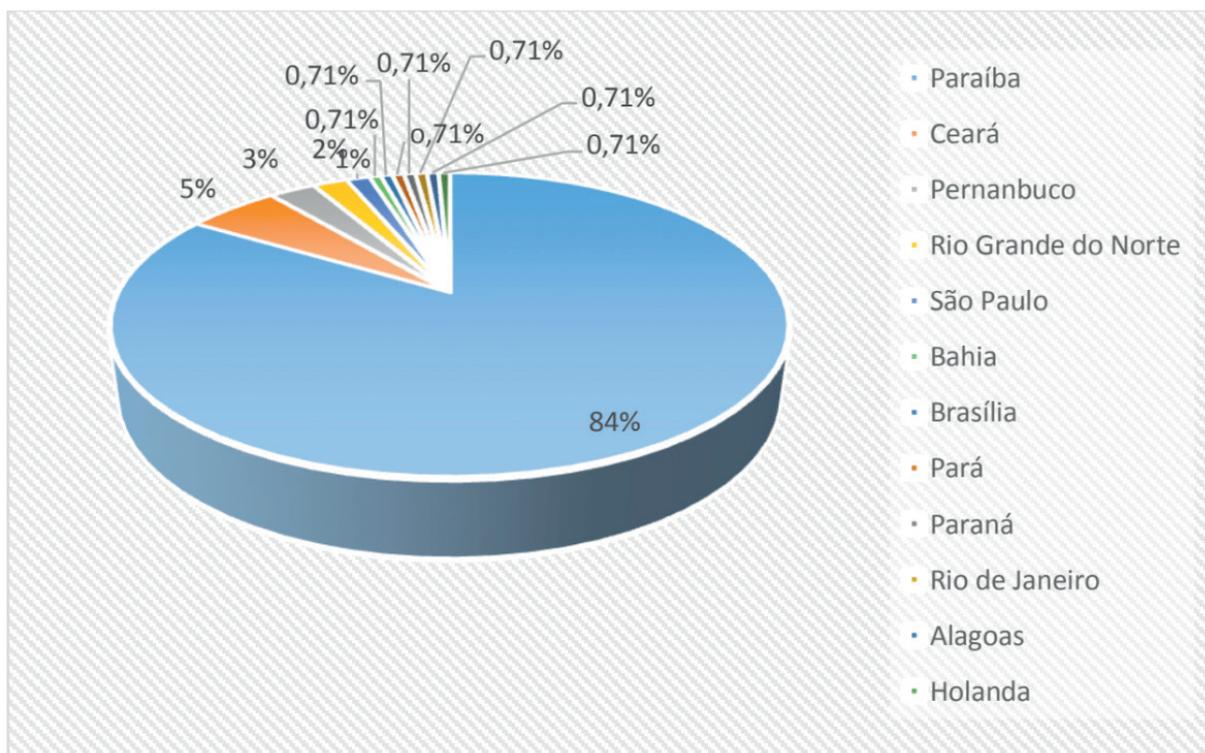


Gráfico 1 – Distribuição percentual dos participantes conforme a naturalidade. Paraíba. 2018

Fonte: Própria Pesquisa/2018

Como pode ser observado no gráfico 1, os dados referentes ao lugar de origem revelam que, a Paraíba, pela própria localização da unidade prisional do estudo, foi o estado mais representado com 84% (124) dos presidiários entrevistados. Ressalta-se que destes 58% (72) são naturais de Cajazeiras, cidade onde está localizado o presídio onde foi desenvolvido o estudo, 6% (8) eram procedentes de João Pessoa, capital do estado, e 36% (44) vieram de outras cidades do interior paraibano. O Ceará foi representado por 5% (8) dos detentos, seguido do Pernambuco com 3% (4), Rio Grande do Norte 2% (3) e São Paulo 1% (2). Os demais estados (BA, DF, RJ, PA, PR, AL) foram representados por apenas 1 (0,71) detento cada um. Ressaltando que um país da Europa, a Holanda, também está inserido nesse gráfico, representando 1 (0,71) detento de origem estrangeira.

Essa distribuição também leva a conclusão que 87% (128) dessa população tem procedência de área urbana (municípios do interior) e 13% (19) são oriundos também de área urbana só que de municípios metropolitanos. Considerando que essa prevalência de detentos de origem de municípios do interior esteja relacionado a localização do referido presídio que também encontra-se localizado nessa região.

Esses dados aproximam-se dos dados disponibilizados pelo DEPEN, que apontam um número maior de presidiários masculinos no estado da Paraíba, 3.622 (48%), procedentes de municípios do interior e 2.984 (40%) de origem de municípios metropolitanos. (Infopen, 2012)

Quanto a variável raça/cor, houve predomínio de 94 (64%) da cor parda, seguida

da branca com 23% (34), da preta 11% (17) e por fim da cor amarela com 3 (2%). A classificação adotada para nomear as raças ou etnias que compõem a população brasileira, de acordo com o IBGE, estabelece que o termo “população negra” abrange as pessoas de cor preta e parda, em conjunto. Portanto, Nesse estudo, 111 (81%) dos detentos entrevistados pertenciam à população negra.

Com resultados semelhantes o estado da Paraíba apresenta uma população carcerária masculina com uma maior taxa entre a raça parda 4.047 presos, seguida da raça preta com 1.234 e da branca com 1.281 apenados. (InfoPen, 2012)

Quanto a variável raça/cor, houve predomínio de 94 (64%) da cor parda, seguida da branca com 23% (34), da preta 11% (17) e por fim da cor amarela com 3 (2%). Com resultados semelhantes o estado da Paraíba apresenta uma população carcerária masculina com uma maior taxa entre a raça parda 4.047 presos, seguida da raça preta com 1.234 e da branca com 1.281 apenados. (InfoPen, 2012)

No que se refere a casos incidentes de tuberculose na família ,o gráfico 2 mostra a distribuição através da variável existência de casos de TB na família.

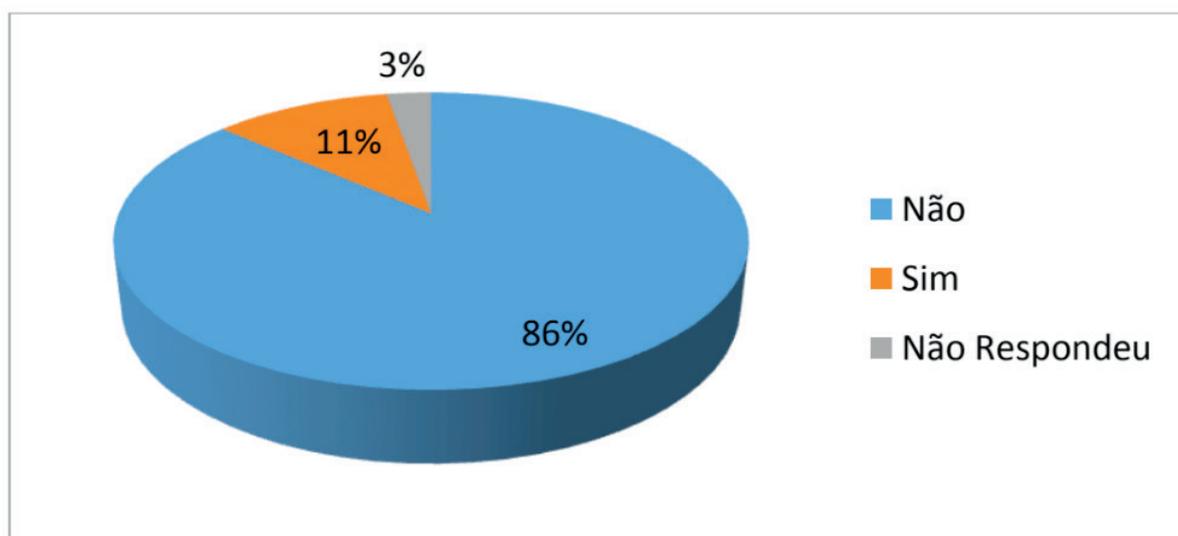


Gráfico 2- Distribuição percentual dos detentos que participaram da pesquisa, conforme a existência de caso de TB na família. .Paraíba, 2018.

Fonte: Própria Pesquisa/2018

Analisando o Gráfico 1 evidencia-se que um pequeno número de detentos (11%) relataram já ter tido algum caso confirmado de tuberculose em sua família, enquanto que 86% referiram não ter tido nenhum caso na família e apenas 3% (4) não responderam. Os 16 detentos que informaram já ter tido pelo menos um caso de TB na família, apresentam uma probabilidade maior de já ter entrado em contato com o bacilo e conseqüente infecção.

No entanto, esse resultado contradiz com a literatura pertinente que afirma que uma grande parte dos detentos já ingressa no sistema penitenciário infectados pelo *Mycobacterium tuberculosis* (FRANÇA, 2012).

Vale ressaltar que o contato prévio com o bacilo de Koch em associação com

as características do ambiente prisional, favorece o desenvolvimento da doença e a sua transmissão.

Dentre os detentos que afirmaram a existência de casos de TB na família, foi feita a distribuição conforme a realização do tratamento desses casos de TB e a avaliação dos comunicantes desses casos confirmados, como é mostrado na Tabela 1.

| VARIÁVEIS | n | % |
|-----------------------------------|-----------|------------|
| Tratamento do caso de TB | | |
| Sim | 13 | 81 |
| Não Respondeu | 3 | 19 |
| Avaliação dos comunicantes | | |
| Sim | 6 | 37 |
| Não | 3 | 19 |
| Não Respondeu | 7 | 44 |
| Total | 16 | 100 |

Tabela 1 - Distribuição numérica e percentual dos detentos que afirmaram a existência de casos de TB na família, conforme a realização do tratamento do caso de TB e a avaliação dos comunicantes. Paraíba, 2018.

Fonte: Própria Pesquisa/2018

É possível observar na tabela 1 que 81% (13) dos detentos com casos de TB na família, segundo os participantes, foram tratados. Quanto aos comunicantes 37% (6) dos reclusos informaram que houve a avaliação dos contatos e 44% (7) não souberam responder. Vale ressaltar que a maioria desses casos confirmados de TB na família relatados pelos detentos, havia ocorrido no intervalo de 6 à 10 anos atrás.

Nesse âmbito deve-se observar que todas as pessoas que vivem no mesmo ambiente que uma pessoa com TB pulmonar ativa, contato, devem ser avaliadas e o controle desses contatos deve ser entendido como uma atividade fundamental e importante para prevenir o adoecimento e diagnosticar precocemente os casos de doença ativa (WHO, 2008).

Nessa perspectiva Sánchez. et. al. (2006) afirmam que é de grande importância as ações de informação, educação e sensibilização, para que haja o controle da tuberculose entre os apenados.

Assim sendo, esses detentos necessitam de informações para que possam ampliar o conhecimento acerca da tuberculose e de suas peculiaridades, adaptadas à realidade sociocultural na qual eles estão inseridos, que neste caso, é o sistema prisional, para atuar de forma precoce evitando a instalação, contágio e proliferação dessa morbidade no ambiente de confinamento,

4 | CONCLUSÕES

Conclui-se que a busca ativa neste ambiente favorece a detecção precoce dos casos e conseqüentemente a quebra da cadeia de transmissão nessa população promovendo o tratamento adequado. A realização desta pesquisa contribui de forma significativa, afim de buscar soluções para enfrentar as dificuldades encontradas no sistema prisional, com a implantação de ações junto aos serviços de saúde, para auxílio na busca ativa, consultas, acompanhamento do tratamento, exames, ampanhas e monitoramento, para viabilizar o planejamento e a implementação de ações e estratégias para o controle dessa morbidade.

REFERÊNCIAS

ASSIS, R. D. A realidade atual do sistema penitenciário brasileiro. **Revista CEJ**, Brasília, ano 11, n. 39, p. 74-78, dez. 2007.

Alves ERP, Silva ACO, Costa AM. tuberculose em unidade prisional: ações de controle sob a ótica dos detentos. *J Nurs UFPE on line* [Internet]. 2011 [cited 2014 May 15];5(4):1039-45. Available from: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermage_m/index.php/revista/article/view/1629/pdf_528.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **Manual de recomendações para o controle da tuberculose no Brasil**. Brasília, DF; 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. DATASUS. Sistema de Informação de Agravos de Notificação – SINAN. **Taxa de incidência de tuberculose**. Brasília, 2012. Disponível em: <https://extranet.who.int/sree/Reports?op=Replet&name=%2FWHO_HQ_Reports%2FG2%2FPROD%2FEXT%2FTBCountryProfile&ISO2=AF&LAN=ES&outtype=html> Acesso em: abr. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. DATASUS. Sistema de Informação de Mortalidade – SIM. **Taxa de mortalidade específica por doenças transmissíveis**. Brasília, 2011. Disponível em: <https://extranet.who.int/sree/Reports?op=Replet&name=%2FWHO_HQ_Reports%2FG2%2FPROD%2FEXT%2FTBCountryProfile&ISO2=AF&LAN=ES&outtype=html> Acesso em: abr. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **Doenças Infecciosas e Parasitárias: guia de bolso**. 8. ed. Brasília, 2010.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **Manual de recomendações para o controle da tuberculose no Brasil**. Brasília, 2011.

_____. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. Sistema Nacional de Informação Penitenciária (InfoPen). **Avaliação da População Prisional Brasileira - Jun/2013**. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/main.asp?ViewID=%7BD574E9CE>> Acesso em: abr. 2018.

_____. **Portaria Interministerial, nº 1.777 de 9 de setembro de 2003**. Aprova o Plano Nacional de Saúde no Sistema penitenciário. Brasília, 2003.

BRUNNER & SUDDARTH. **Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica**. Tradução Fernando Diniz; José Eduardo. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

- CONDE, M. B.; MUZY DE SOUZA, G. R. **Pneumologia e tisiologia**: uma abordagem pratica. São Paulo: Atheneu, 2009.
- FRANÇA, F. A. M. **Teste tuberculínico**: comparação de dois instrumentos de leitura. 2012. 100 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- FIGUEIREDO, N.M.A. **Método e metodologia na pesquisa científica**. 2ª ed. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico do Brasil**. 2010. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/censo>> Acesso em: maio, 2018.
- JESUS, B. F. G. et. al. Perfil epidemiológico da tuberculose na cidade de Montes Claros de 2005 a 2009. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 93, n. 1, p. 80-84, 2012.
- JITIMANEE, S. X. et al. A prevalence survey for smear-positive tuberculosis in Tai prisons. **The International Journal of Tuberculosis and Lung Disease**, Paris, v. 11, n. 5, p. 556-561, 2007.
- LAROUZE, B.; SANCHEZ, A.; DIUANA, V. Tuberculosis behind bars in developing countries: a hidden shame to public health. **Transactions of the Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene**, London, v. 102, p. 841-842, 2008.
- MACEDO, L. R.; MACEDO, C. R.; MACIEL, E. L. N. Vigilância epidemiológica da tuberculose em presídios do espírito santo. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 26, n. 2, p. 216-222, jun. 2013.
- MARCONI, M.A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MOREIRA, L. M. Política de saúde e a população carcerária: um estudo no presídio estadual metropolitano I – PEM I – Marituba- Pará. 2012. 117 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.
- NOGUEIRA, P. A.; ABRAHÃO, R. M. C. M. A infecção tuberculosa e o tempo de prisão da população carcerária dos Distritos Policiais da zona oeste da cidade de São Paulo. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 12, n. 1, p. 30-38, 2009.
- NOGUEIRA. P. A.; ABRAHÃO. R. M. C. M.; GALESÍ. V. M. N. Tuberculose e tuberculose latente na população prisional. **Revista de saúde Pública**. São Paulo, v. 46, n. 1, p. 119 – 127, fev. 2012.
- NICOLAU, A. I. O. et. al. Conhecimento, atitude e prática do uso de preservativos por presidiárias: prevenção das DST/HIV no cenário prisional. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 46, n. 3, p. 711-719, 2012.
- OLIVEIRA, R. S. et. al. Fatores de risco associados às doenças cardiovasculares na população carcerária. **Revista Gestão e Saúde**, Brasil, v. 5, n. 1, p. 263-275, 2014.
- PILLER, R. V. B. Epidemiologia da Tuberculose. **Pulmão**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 4-9, 2012.
- POCINHO, M.; FIGUEIREDO, J. P. **Estatística e bioestatística**. 2008. Disponível em: <<http://biocistron.blogspot.com/search/label/Bioestat%C3%ADstica>> Acesso em: maio, 2018.
- SANTANA ACM, ADRIANO MSPF, Nascimento MMP do et al. TUBERCULOSE NO CÁRCERE: PERCEPÇÃO DOS DETENTOS SOBRE ESSA ENFERMIDADE. *J Nurs UFPE on line.*, Recife, 9(6):8222-7, June., 2018.

SANCHEZ, A. et al. A tuberculose nas prisões, uma fatalidade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, p. 2510-2511, 2006.

_____. Screening for tuberculosis on admission to highly endemic prisons? The case of Rio de Janeiro State prisons. **The International Journal of Tuberculosis and Lung Disease**, Paris, v. 13, p. 1247-1252, 2009.

SCHERER, Z. A. P. et. al. Perfil sociodemográfico e história penal da população encarcerada de uma penitenciária feminina do interior do estado de São Paulo. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v. 7, n. 2, p. 55-62, ago. 2011.

STUCKLER, D. et al. Mass incarceration can explain population increases in TB and multidrug-resistant TB in European and central Asian countries. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, Washington, DC, v. 105, n. 36, p. 13280-13285, 2008.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Global tuberculosis report 2013**. 2013. Disponível em: <http://www.who.int/tb/publications/global_report/gtbr13_main_text.pdf?ua=1>. Acesso em: 29. abril. 2018.

SOBRE A ORGANIZADORA

Yvanna Carla de Souza Salgado Possui graduação em Farmácia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2004), Habilitação em Análises Clínicas (2005), Especialização em Farmacologia (UNOPAR/IBRAS - 2011), Mestrado em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2013) e Doutorado em Biologia Celular e Molecular pela Universidade Federal do Paraná (2017). Possui experiência técnica como farmacêutica e bioquímica e atualmente trabalha com os temas: farmacologia, biologia celular e molecular e toxicologia.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-87-1



9 788585 107871